

# A NORMALIDADE E A NÃO-NORMALIDADE NA AQUISIÇÃO FONOLÓGICA

ELIZABETH REIS TEIXEIRA  
UFBa

Ao tentar entender o que separa um comportamento fonológico infantil dito "normal" de um "não-normal", torna-se fundamental a delimitação de conceito de NORMA.

Em sentido amplo (invocando, aqui, o conceito coseriano), uma Norma representa o comportamento da maioria de indivíduos de um determinado grupo de usuários da fonologia da língua. Mais especificamente, como estamos falando do desenvolvimento da fonologia, o que vai ser "normal", fonologicamente, corresponde ao desempenho fonológico esperado da maioria dos falantes em cada período aquisicional

Como bem lembra Ingram (1981):

"Quase todos os dados normativos disponíveis sobre o desenvolvimento fonológico provêm de pesquisas científicas. E é porque o estabelecimento de normas requer **testagem e quantificação de dados**, que a área tem sido marcada pelo desenvolvimento de testes e medidas de aquisição." (p. 2)

Na verdade, ao se abordar fonologicamente a fala de crianças, um consenso deve ser atingido sobre os distintos estágios da aquisição. Para tanto, torna-se necessária a delimitação da idade cronológica em que as distintas classes de sons são adquiridas nas distintas posições da sílaba e da palavra, ou que diferentes padrões realizacionais são mais recorrentes em cada estágio aquisicional fonológico.

Embora cada criança possua seu próprio ritmo de desenvolvimento, existem muitas características comuns entre diferentes crianças, que devem ser consideradas como patamares de desenvolvimento, i.e. padrões fonológicos recorrentes que indicam estágios maturacionais distintos.

O instrumento mais freqüentemente utilizado, com esta finalidade, tem sido o teste de triagem (ou o "Screening Test", como tem sido chamado na literatura).

O Teste de Triagem tem como objetivos básicos:

- **comparar o comportamento fonológico infantil com o sistema alvo**, a fim de detectar possíveis "erros" de pronúncia que distanciam as formas adultas das formas infantis;
- **situar um indivíduo**, com base nos seus padrões de fala, em **relação a uma escala de desenvolvimento normal** – o que, de forma quase circular, pressupõe uma definição de "normalidade" em termos evolutivos.

Em outras palavras, tenta-se, assim, estabelecer:

- inicialmente, se a criança é mais lenta do que outras da mesma idade – caso que configura uma **atipicidade maturacional**;
- e se, em caso de atipicidade, a criança está sendo (ou será) capaz de superar suas dificuldades por si mesma, ou se necessita de **intervenção fono-terapêutica**.

Os Testes de Triagem (muitas vezes chamados, também, na literatura específica em língua inglesa, de "**Articulation Tests**" – no Brasil, mais ou menos equivalentes ao "**Exame Fonético**"), na verdade, comparam o desempenho de uma dada criança em termos de pronúncia com o de outros indivíduos da mesma idade, com base em um "score" seccionado (uma medida estatística) previamente determinado para todos os níveis etários. Os itens testados são considerados "certos" ou "errados" com referência à pronúncia-alvo, e o total de pontos obtidos pela criança é, então, comparado à norma esperada para sua idade.

Higgs (1970), partindo de uma **visão histórica** em relação ao aparecimento destes procedimentos elicitativos e analíticos, classifica estes testes com base nas suas propostas e finalidades originárias, em:

- **Testes direcionados para a pesquisa** – todos aqueles que foram construídos com o objetivo de investigar o processo de aquisição fonológica, como, por exemplo, os de Poole (1934), Henderson (1935), Wellman et al. (1931), Roe & Millisen (1942) – revisados em Teixeira (1980);
- **Testes de Triagem direcionados para a clínica** – usados para detectar, de forma rápida e econômica, crianças cuja fala não se adequa ao desempenho esperado para sua idade, como exemplificam os testes de Templin (1953), Templin & Darley (1960 – Forma de Triagem), Goldman & Fristoe (1969), E.A.T. (1971 – Forma Quantitativa);
- **Testes Diagnósticos clinicamente direcionados** – que oferecem uma análise mais detalhada de crianças cuja fala foi previamente identificada como desviante, com o objetivo de estabelecer um programa para terapia. Entre eles, Renfrew (1950), Templin & Darley (1960), E.A.T. (1971 – Forma Qualitativa) – revisados em Teixeira (1980); Ingram (1981); Grunwell (1985); e mais recentemente, em língua portuguesa,

Yavas et alii (1992), muito embora este último não contenha um perfil maturacional.

A maioria destas medidas de testagem têm sido criticadas pelo fato de as estimativas numéricas, geralmente apresentadas, não possuírem, propriamente, realidade lingüística. Questiona-se bastante como um aparato numericamente complicado possa refletir a capacidade aquisicional de uma dada criança, i.e. sua habilidade em perceber, organizar e produzir as classes de sons que compõem o sistema fonológico da língua-alvo de forma sistemática. Contudo, como bem lembra Ingram (1976), apesar de se poder reconhecer as limitações inerentes a estes instrumentos de elicitación e análise de dados fonológicos infantis, este tipo de medida consegue fornecer resultados que indicam sucesso ou insucesso em relação a um conjunto de variáveis fonológicas controladas. Embora "scores" numéricos pouco revelem sobre o sistema lingüístico de um indivíduo como tal, eles indicam, através da correlação que se impõe entre indivíduos de um grupo etário (e, em muitos casos, sociolingüísticos), alguma coisa sobre a habilidade da criança em termos **comparativos**.

Uma vez constatada a presença de **atipicidade** em termos maturacionais, i.e. que uma determinada criança comporte-se, fonologicamente, de forma inadequada para sua idade, é ainda importante definir se este comportamento **atípico** (ou **não-normal**) constitui-se em um **ATRASSO** ou em **DESVIO**. A este respeito convém esclarecer, aqui, o conceito de **DESVIO**, numa perspectiva fonológico-evolutiva.

Ingram (1976) e Crystal (1980), em sentido amplo, definem como **desviante** todo indivíduo que requer fonoterapia. Em sentido estrito, consideram como **desviantes** todos os indivíduos cujos padrões de fala são diferentes dos encontrados ao longo do desenvolvimento fonológico normal, e que estão fora do campo de possibilidades do sistema adulto. Neste caso, uma fonologia **desviante** contrapõe-se a uma fonologia com **atraso** – em que os padrões fonológicos encontrados assemelham-se aos de crianças **normais em estágios iniciais da aquisição**.

Já para Grunwell (1990),

"...as diferenças entre o desenvolvimento normal da fonologia e aquele com desvio evidenciam três tipos de anormalidade evolutiva: desenvolvimento atrasado, desenvolvimento irregular, desenvolvimento com desvio." (p. 62)

Mais especificamente, a autora descreve as diferenças entre fonologias que apresentam:

(1) padrões de **atraso**

- tanto em termos da existência de processos **normais persistentes**, como, por exemplo, a persistência do processo de **OCCLUSIVIZAÇÃO** além dos 3;6 no Português (Teixeira, 1991);
- como da co-existência de processos normais iniciais e padrões fonológicos mais avançados, ou **disparidade cronológica**. Há casos, por exemplo, em que o processo de Oclusivização persiste ao mesmo tempo em que o indivíduo já demonstra pleno domínio de padrões fonológicos mais complexos, como os Encontros Consonantais;

(2) em termos do uso extremamente **variável e imprevisível** de processos e padrões, o que significa dizer que um determinado processo pode ser implementado de formas e com frequência diferenciadas a depender do segmento-alvo ao qual ele se aplica. Por exemplo, a Oclusivização, que, normalmente se aplica a segmentos adultos fricativos, pode vir a afetar, igualmente, elementos líquidos e nasais, em geral de forma assistemática;

(3) e em termos de **processos e padrões incomuns e idiossincráticos**, como ocorre, por exemplo, no caso do uso sistemático do processo de **GLOTALIZAÇÃO** (Teixeira, 1985).

Para Grunwell, portanto, são, basicamente, as características cronológicas que identificam a natureza evolutiva dos desvios fonológicos.

Assessar sistemas infantis exclusivamente com base em análises comparativas entre o sistema adulto e as realizações infantis (quer seja em termos da análise contrastiva ao nível dos segmentos e suas possíveis combinações, quer seja em termos de traços distintivos, quer seja em termos da análise de processos) significa analisar a **normalidade** em termos estritamente lingüísticos. Consegue-se, apenas, em outras palavras, detectar comportamentos fonológicos atípicos, i. e. que fogem à norma esperada, que nada mais é, neste caso, que o sistema adulto.

Contudo, para se poder conhecer o tipo e a natureza de uma atipicidade, é preciso comparar os padrões de uma criança com os de outras crianças da mesma faixa etária e do mesmo nível sociolingüístico, e descobrir os padrões mais recorrentes que caracterizam o comportamento **"normal"** de cada grupo.

É exatamente com este espírito que o grupo de pesquisa "A Aquisição da Fonologia por Falantes do Português" tem direcionado suas investigações, tanto no que diz respeito à observação e descrição de sistemas fonológicos infantis normais, como não-normais.

Após termos concluído as análises contrastivas ao nível segmental, chegamos à construção do **PERFIL DO DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO EM PORTUGUÊS**.

O P.D.F.P. consta de um conjunto de normas maturacionais que permitem estabelecer a ordem e a idade cronológica aproximada em que as diferentes classes de sons do sistema fonológico do Português são adquiri-

das por indivíduos normais, fornecendo a possibilidade de diagnosticar diferencialmente comportamentos fonológicos normais e não-normais (ou atípicos).

O perfil resulta de uma investigação com 216 crianças normais na cidade de Salvador, distribuídas em 9 grupos etários (em intervalos semestrais de 2 a 5 anos e anuais de 5;0 a 8;0) e em grupos sociolingüisticamente definidos com base no nível de escolarização parental (A,B,C).

As amostras de fala foram obtidas através da evocação de respostas espontâneas fonologicamente controladas, o que resultou, também, na elaboração de um instrumento de eliciação e avaliação lingüisticamente econômico e normatizado.

Refletindo a concepção polissistêmica que fundamentou a interpretação analítica adotada, 31 variáveis discretas foram investigadas, no que diz respeito ao **sistema contrastivo, à estrutura da sílaba e à estrutura da palavra**. (Para uma visão mais detalhada sobre o Perfil vide Teixeira 1990, 1991).

O trabalho de normatização tem prosseguido em direção à **construção de normas maturacionais em relação às estratégias e aos processos fonológicos** que afetam as diferentes classes de sons e suas possíveis combinações, e tornam as fonologias infantis diferentes dos padrões adultos esperados. A este respeito, vide as dissertações inéditas de mestrado de Pepe (1993) e Rapp (1993), bem como as comunicações de Cerqueira (1994) e Alves & Tosta (1994).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. T. & TOSTA, S. (1994) Anteriorização e Posteriorização na fala infantil. Comunicação apresentada no XII Seminário Estudantil de Pesquisa. UFBA.
- ANTHONY, A. et al. (1971) *E.A.T. (Edinburgh Articulation Test): Textbook* Edinburgh: E. S. Livingstone.
- CERQUEIRA, I. (1994) O processo de Oclusivização na fala infantil. Comunicação apresentada no XII Seminário Estudantil de Pesquisa. UFBA.
- CRYSTAL, D. (1980) *Introduction to Language Pathology*. Londres: Edward Arnold.
- GRUNWELL, P. (1985) *P.A.C.S. (Phonological Assessment of Child Speech)*. Windsor: NFER-NELSON.
- \_\_\_\_\_. (1990) Os Desvios Fonológicos Evolutivos numa Perspectiva Lingüística. In: M. S. YAVAS (org.) *Desvios Fonológicos em Crianças: Teoria, Pesquisa e Tratamento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 51-82.
- HIGGS, J. (1970) The articulation test as a technique. *L & S* 13, 262-270.
- INGRAM, D. (1976) *Phonological Disability in Children*. Londres: Edward Arnold.
- \_\_\_\_\_. (1981) *Procedures for the Phonological Analysis of Children's Language*. Baltimore: U. Park Press.
- PEPE, V. P. S. (1993) *Oclusivização, Anteriorização e Ensurdimento na Aquisição Fonológica do Português: Processos Sistêmicos ou Assimilatórios?* Dissertação inédita de mestrado, UFBA.

- RAPP, C. (1993) "O Processo de Elisão das Sílabas Fracas no Estágio Inicial da Aquisição Fonológica em Português". Dissertação inédita de Mestrado. UFBA
- TEIXEIRA, E. R. (1980) *A Study of Articulation Testing with Special Reference to Portuguese*. Tese inédita de M. Phil. Universidade de Londres.
- \_\_\_\_\_. (1985) *The Acquisition of Phonology in Cases of Phonological Disability in Portuguese-Speaking Subjects*. Tese inédita de doutorado. Universidade de Londres.
- \_\_\_\_\_. (1990) Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português: Resultados Parciais (Análise Quantitativa). *Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL*, 1991.
- \_\_\_\_\_. (1991) Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (P.D.F.P.) *Estudos Lingüísticos e Literários 12*, UFBA, 225-237.
- YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. & LAMPRECHT, R. (1991) *Avaliação Fonológica da Criança (Reeducação e Terapia)*. Porto Alegre: Artes Médicas.